

Fernando Molica

A porta-bandeiras de Mangueira

Porta-bandeira da Estação Primeira de Mangueira, Cintya Santos mostra, com sua dança e com sua postura, que o componente político dos desfiles das escolas vai muito além dos enredos e das letras dos sambas.

Ela está para a escola como a mulher que se gura a bandeira francesa e serve de guia para os revolucionários no quadro "A Liberdade guia o povo", de Eugène Delacroix.

Cintya faz jus ao apelido de Furacão, que acabou estendido para a dupla que forma com Matheus Olivério, o mestre-sala. Filha e neta de porta-bandeiras, negra, criada na favela Vila Ipiranga, em Niterói, trabalhava como faxineira até trocar a Porto da Pedra por Mangueira.

Estava limpando uma casa quando, em 2022, recebeu uma ligação da presidente da Verde e Rosa, Guanayra Firmino — desligou, achou que era trote (só acreditou no convite quando, em seguida, recebeu uma chamada de vídeo). No dia seguinte, aceitou o desafio de ser protagonista da mais amada das escolas.

Indicada por Matheus, seu bailado assustou quem se acostumara com a imagem mais comum das porta-bandeiras, mulheres que emanam uma tradição de realeza; não à toa, seus passos e vestimentas são inspirados nos grandes salões de baile europeus.

Até hoje referência no Carnaval, a portelense Vilma Nascimento incorporava a elegância e a delicadeza que fizeram com que passasse a ser chamada de Cisne da Passarela.

A cada vez maior influência de coreógrafos e julgadores oriundos do balé clássico radicalizou a tendência de se levar para o Sambódromo um tipo de dança que remete a pinturas de Edgar Degas, teatros imponentes e sapatinhos.

Com Cintya, a história é outra, a chapa é bem mais quente. Ao repertório típico de suas colegas, ela acrescenta gestos harmoniosos, porém duros, enfáticos, quase ríspidos.

Além de exibir a bandeira, ela a empurra, a esfrega em nossa cara. Cada vez que gira, cria encanto e beleza, mas também ressalta a miséria e a injustiça de um país que teima em ser tão desigual. É princesa que não deixa ninguém esquecer seu passado de gata borralheira.

Furacão, esgarça a bandeira, a estica no seu limite, faz ventar na Avenida. Dono de um belíssimo repertório de passos e mesuras, Matheus sabe da força que tem ao seu lado; mais do que protegê-la — função básica do mestre-sala —, ele trata de garantir condições para a evolução da parceira. É como se anunciasse: cuidado que a Cintya vem aí, é bom se segurar.

No caso dela, a função que exerce merece ser tratada com o uso de um plural compatível com a história e compromissos do Morro de Mangueira. Ela é uma porta-bandeiras — além de carregar o pavilhão da mais bela das escolas, empunha uma série de outros.

Seus braços fortes exibem muitas bandeiras: a da cultura popular brasileira, a da ancestralidade, a dos meninos e meninas de favelas, a da educação, a da luta contra a miséria, o racismo e a violência que mata, principalmente, pretos e pobres.

Em suas mãos, a bandeira mangueirense é também faixa que grita protestos, que exige uma vida melhor para os brasileiros; Cintya chama o povo daqui, junta o povo de lá.

Para, mais uma vez, aqui citar Manuel Bandeira, ela parece farta do lirismo comedido, do lirismo bem-comportado. Não quer saber do lirismo que não seja liberação.

Tales Faria

Baleia Rossi: centrão "está usando fofoca" contra o MDB

O presidente nacional do MDB, deputado Baleia Rossi (SP), afirma que o centrão está "usando a fofoca" segundo a qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) estaria em busca de um emedebista para figurar como vice de sua chapa pela reeleição.

Segundo ele, "essa fofoca não caiu bem no partido e está inclusive atrapalhando a montagem das chapas nos estados". Motivo: é que a maior parte dos candidatos do MDB nos estados não quer aliança com os petistas.

"Na maioria dos estados, o MDB figura em palanques contra o PT. Aí os partidos de centro usam essa fofoca para tentar prejudicar a formação das nossas chapas. Muitos dos nossos candidatos a deputados federais não querem estar numa aliança com o PT nos estados", disse Baleia.

A coluna perguntou se, pelo menos, há conversas com o PT ou Lula sobre uma aliança. "Não há. Com a direção nacional, zero", respondeu.

Baleia sublinha que em seu estado, São Paulo, o maior eleitorado do país, o MDB "está fechado" com a candidatura de Tarcísio de Freitas (Republicanos) para governador.

"Aqui em SP o MDB nunca fez aliança com o PT em eleições estaduais. Nós temos coerência e somos parceiros do governador Tarcísio. Vamos manter nossa integridade e não muda-

mos de lado por cargo ou qualquer outro motivo menor."

O prefeito da capital, Ricardo Nunes (MDB), ensaiou candidatar-se a governador caso Tarcísio concorresse à Presidência. Mas o governador seguiu determinação do ex-presidente Jair Bolsonaro (PT) de deixar a candidatura ao Planalto para o filho Zero-Um, senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ).

Restou para Tarcísio disputar a reeleição e o prefeito Ricardo Nunes ficou sem espaço para tentar trocar seu gabinete no Edifício Matarazzo pelo Palácio dos Bandeirantes.

"O Nunes no Bandeirantes será o nosso projeto para 2030", afirma Baleia Rossi. Segundo ele, não vale a pena nem disputar o Senado.

"A administração do Ricardo Nunes na Prefeitura está muito boa. É o nosso maior cabo eleitoral. Não valeria a pena ele renunciar como prefeito para concorrer ao Senado. Melhor esperar 2030."

Essa "firme aliança" do MDB de São Paulo com Tarcísio de Freitas tem um efeito colateral sobre a ministra do Planejamento, Simone Tebet. Como emedebista, ela teria muita dificuldade em transferir seu domicílio eleitoral para concorrer ao Senado por São Paulo em aliança com o PT, como se chegou a especular.

A transferência está praticamente descartada no partido.

EDITORIAL

O decoro deve ser pilar da vida pública

A decisão da Câmara Municipal de Campinas de suspender, por 45 dias, o mandato do vereador Otto Alejandro (PL), transcende o caso que a motivou. Trata-se, antes de tudo, de um gesto simbólico e muito necessário de reafirmação de valores que devem sustentar a vida pública e o funcionamento do Poder Legislativo.

Ao reconhecer uma infração ética grave, ainda que não criminalmente tipificada pela Justiça, o Parlamento municipal cumpre um papel que não pode ser confundido com o do Judiciário: o de zelar pelo decoro, postura e credibilidade institucional. Historicamente, as Casas Legislativas foram arenas de embates duros, discursos inflamados e disputas ideológicas intensas. No entanto, isso nunca foi sinônimo de permissividade.

Décadas atrás, quando a política local era marcada por figuras de temperamento forte e oratória contundente, uma fronteira tácita, e muitas vezes explícita, entre o confronto político e o comportamento pessoal incompatível com a função pública, era clara e absolutamente respeitada. O cargo, por si só, impunha limites, que eram compreendidos como parte sine qua non do pacto democrático.

Esse entendimento não é exclusividade brasileira nem tampouco "coisa do passado". Em parlamentos de democracias consolidadas, como as do Reino Unido ou Canadá, episódios de conduta ina-

dequada, mesmo sem condenação judicial, frequentemente resultam em afastamentos, renúncias ou sanções internas.

Não se trata de prejulgamento, mas de responsabilidade institucional. O mandato pertence ao povo e não ao indivíduo que o exerce. O argumento de que a inexistência de condenação penal deveria encerrar qualquer discussão ética empobrece o debate e enfraquece o poder legislativo. A ética pública se anuncia em valores intangíveis, como respeito, equilíbrio, responsabilidade e, principalmente, exemplo.

Quando a Corregedoria aponta que a sanção tem caráter pedagógico e preventivo, reconhece que o Parlamento não pode aguardar o colapso de sua própria imagem para agir.

Ao aprovar a suspensão com ampla maioria, a Câmara de Campinas envia uma mensagem relevante à sociedade: o Legislativo não é "terra arrasada", nem espaço onde tudo é permitido em nome do voto! Trata-se de uma instituição viva, que aprende, corrige rumos e estabelece balizas claras aos seus integrantes, de modo que sejam também referências a serem seguidas.

Em tempos de descrédito generalizado da política e de seus representantes, decisões como essa ajudam a resgatar algo essencial:

mandato é sobre responsabilidade e honra, não escudo. Assim, o comportamento do parlamentar, dentro e fora da tribuna, importa. E muito!

Opinião do leitor

Parecidos

O BBB 26 exibiu uma prova onde os participantes teriam que responder as perguntas, optando por decidir entre falso ou verdadeiro. Semelhança com políticos e magistrados é forte coincidência. Jogam de acordo com suas conveniências.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gello, Iye Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafaela Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sá e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.